

A DIACRONIA DAS CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS: IMPLICAÇÕES DA GRAMÁTICA V2 NAS ESTRUTURAS DE FOCO

DAMARIS MATIAS SILVEIRA *
(UFSC)

RESUMO: Esta pesquisa busca investigar diacronicamente as sentenças utilizadas para focalizar constituintes sintáticos, as clivadas e pseudo-clivadas. Tais sentenças caracterizam-se pelas sequências Cópula+Foco+que+IP (clivadas canônicas) e Sentença wh+Cópula+Foco (pseudo-clivadas canônicas). O período considerado para a busca dessas sentenças é o que se estende do século XVI ao XIX, indo do Português Médio ao Português Moderno. Seguindo a argumentação de diversos autores, assumo que, até o início do século XVIII, o português tinha um funcionamento de língua V2, ou seja, licenciava o movimento do verbo para uma posição alta na periferia esquerda da sentença. De acordo com Kato e Ribeiro (2006, 2009) e Kato (2009), o único padrão de clivadas que inexistia no período em que o português era uma gramática V2 seria o canônico, por restrição desse sistema gramatical. O que é feito neste estudo é, portanto, observar a ocorrência das estruturas clivadas ao longo do tempo, através de textos que compõem o *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, e apresentar evidências de que a ausência das clivadas de cópula inicial não ocorre por restrição para seu licenciamento, mas por opção do falante, uma vez que a sua língua disponibiliza de outro recurso gramatical de focalização.

Palavras-chave: construções clivadas; gramática V2; mudança sintática.

ABSTRACT: This research aims at investigating the Cleft e Pseudo-cleft sentences diachronically. Such sentences are used to focus syntactic constituents. Clefts and Pseudo-clefts are characterized by the sequences Copula+Focus+que+IP (canonic clefts) and Wh sentence+Copula+Focus (canonic pseudo-clefts). The period considered for the research of such sentences is from the 16th to the 19th centuries, from Classic to the Modern Portuguese. According to several authors, it is assumed that until the beginning of the 18th century, Portuguese had a V2 language functioning, that is, it allowed the verb to move to a high position on the left periphery of the sentence. As claimed by Kato and Ribeiro (2006, 2009) and Kato (2009), the Canonic Cleft did not exist in the period when Portuguese had a V2 grammar functioning, by restriction of this grammatical system. This study observes the occurrence of the cleft structures over time through texts that make up the *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. It also presents evidence that the absence of clefts with the copula in the initial position do not occur by restriction of license, but by the speaker's choice. This may be because their language makes another grammatical resource of focusing available.

Key-words: cleft constructions; V2 grammar; syntatic change.

* damsilveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A clivagem apresenta um campo fecundo para estudos em sintaxe. Dada a complexidade de sua configuração, as clivadas e pseudo-clivadas podem ser estudadas a partir de diferentes aspectos de sua estrutura e da ótica de diversos aparatos teóricos, sendo que, no presente estudo, a análise das clivadas é feita nas bases da gramática gerativa.¹ Neste artigo, trataremos das sentenças clivadas do português, olhando especificamente para comportamento de tais estruturas ao longo do tempo, relacionando o sua recorrência com o fato de o português ter sido analisado como uma língua V2 em fases passadas. Embora a influência da gramática V2 no uso das estruturas de foco marcado já tenha sido mencionada em estudos anteriores, como Kato e Ribeiro (2006, 2009) e Kato (2009), por exemplo, o presente estudo busca problematizar a relação de restrição entre língua V2 e clivadas de cópula inicial, apontada por tais autoras.

Para conceituar melhor o objeto de pesquisa, recorreremos a Modesto (2001), que define as clivadas como “sentenças especificacionais em que um movimento A-barras dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade” (MODESTO, 2001, p.21). A clivagem é, portanto, um recurso sintático utilizado pelo falante para focalizar constituintes, resultando em uma sentença de foco marcado: o falante ‘cliva’ elementos, colocando-os em posição de foco, enquanto o restante da sentença carrega a sua pressuposição. Através desse recurso são geradas as sentenças clivadas (Cl) e as pseudo-clivadas (PC):

(1) a. Foi O MENINO que comeu a torta. (Cl)

Quem comeu a torta foi O MENINO. (PC)

As estruturas clivadas se diferenciam das pseudo-clivadas pelo CP (Cf. MIOTO e NEGRÃO, 2007): enquanto o CP das pseudo-clivadas contém um elemento *wh*, o das clivadas apresenta o *que* invariável em seu núcleo. Assim, linearmente, as clivadas apresentam a sequência **Cópula+FOCO+que+Sentença encaixada**, enquanto as pseudo-clivadas se organizam sequencialmente por **Sentença wh+Cópula+FOCO**.

Clivadas e pseudo-clivadas, embora apresentem uma sequência canônica, não apresentam necessariamente a ordem linear exposta em (1). As CLs, por exemplo, podem trazer o foco em posição inicial. Temos, assim, o que chamaremos aqui de clivada invertida. As PCs também podem apresentar a forma invertida, com o foco deslocado à esquerda, mas também o padrão extraposto, assim chamado por apresentar uma extraposição à direita da sentença Wh. Assim, dispomos do seguinte panorama de clivadas e pseudo-clivadas:

¹ Cf. Longhin (1999) para uma análise diacrônica das clivadas sob um ponto de vista funcionalista.

- (2) a. Foi O MENINO que comeu a torta. *Clivada Canônica (CL)*
b. O MENINO é que comeu a torta. *Clivada Invertida (CI)*
c. Quem comeu a torta foi O MENINO. *Pseudo-clivada Canônica (PC)*
d. O MENINO é quem comeu a torta. *Pseudo-clivada Invertida (PCI)*
e. Foi O MENINO quem comeu a torta. *Pseudo-clivada Extraposta (PCE)*

Os padrões de clivadas investigados diacronicamente neste artigo são, portanto, aqueles que possuem a cópula e o elemento *que* ou o Wh, no caso das PCs. As clivadas e pseudo-clivadas apontadas em (2) são licenciadas atualmente tanto no português brasileiro, conforme aponta Modesto (2001), quanto no português europeu, de acordo com Mateus *et al* (2003). Com tal panorama definido, investigamos ao longo do tempo a ocorrência das sentenças de foco marcado no português e as implicações da gramática V2 (Cf. seção 2), bem como a queda desse sistema, na ausência e na emergência dessas estruturas.

Assim, na seção 2, traçamos o pano de fundo diacrônico do português, em seguida, na seção 3 apresentamos o que tem sido defendido na literatura em torno da diacronia das sentenças de foco marcado. Os pressupostos teórico-metodológicos deste estudo são expostos na seção 4. Na seção 5, apresentamos argumentos contra a ideia de uma restrição V2 para alguns tipos de clivadas. Em 6, tratamos de uma estratégia de focalização produtiva no período V2. Por fim, apontamos, na seção 7, as considerações finais.

2. O *BACKGROUND* DIACRÔNICO DO PORTUGUÊS

Como estamos tratando das estruturas de foco sob uma perspectiva diacrônica, é importante que comecemos esclarecendo a periodização do português que será utilizada para situarmos a investigação. Neste estudo, seguiremos a periodização de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), que é fundamentada no resultado da análise exaustiva de padrões sintáticos. As autoras consideram que os primeiros documentos escritos do português correspondem à gramática do Português Arcaico. Na virada entre os séculos 14 e 15, estaria situado um ponto de inflexão que corresponderia à emergência de uma gramática denominada português moderno (ou Português Clássico). No século 18, outra inflexão estaria situada, correspondendo à emergência da gramática do Português Europeu Moderno. Neste estudo, utilizo textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XIX. Portanto, temos dados que representam reflexos da gramática do português clássico e moderno.

Diversos autores (Ribeiro, 1995;² Torres Moraes, 1995; Galves, 1997; Paixão de Sousa, 2004; Galves, Brito e Paixão de Sousa, 2005; Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa, 2010; Gibrail, 2010; Antonelli, 2011; Galves e Paixão de Sousa, 2017, no prelo) têm defendido que o português antigo e o português clássico apresentavam características de gramática V2. Com essa configuração, o português do período V2 licenciava o movimento do verbo para uma posição alta, na periferia esquerda da sentença, enquanto um sintagma qualquer poderia ser fronteado à esquerda dessa posição.

As línguas V2 apresentam o verbo em segunda posição em sentenças declarativas matrizes, sendo que a posição pré-verbal é ocupada por um constituinte qualquer. De acordo com Galves e Paixão de Sousa (2017, no prelo), essa posição seria destinada a elementos com proeminência discursiva, ou seja, tópico ou foco, independentemente de serem ou não sujeito:

(3) [Aqui] **surgio** a Armada

(COUTO, 1947 [nasc. 1542])

Uma das evidências para a estrutura V2 do português, de acordo com Galves e Paixão de Sousa (2017, no prelo), é a ocorrência alta de sujeito pós-verbal. Tal ordem indica que o verbo está em uma posição acima do domínio de pouso do sujeito (como o exemplo em (3)), quando este não está fronteado em primeira posição.

O padrão da ordem no português, entretanto, sofre processo de reanálise e, a partir de 1700, passa a instanciar uma nova gramática, que se estende até a contemporaneidade e se enquadra no que chamamos de Português Moderno. Esse novo sistema não se classifica mais como V2, ou seja, o verbo não se move mais para uma posição mais alta.

Galves e Paixão de Sousa (2017, no prelo) também apresentam evidências de que o português não apresenta mais características de um sistema V2 a partir do século XVIII. De acordo com dados das autoras,³ até esse período, a ordem proeminente no português era VSO. Somente a partir de 1700 é que a ordem SVO se torna a ordem mais frequente. A evolução no uso do sujeito pré-verbal coocorre com o declínio de elementos que não são sujeitos na mesma posição. Isso é melhor evidenciado no gráfico da figura 1, de Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010):⁴

² Em seu estudo em torno do português antigo.

³ Os dados das autoras são referentes ao *Corpus Histórico do Português TychoBrahe*.

⁴ Os dados das autoras são referentes ao *Corpus Histórico do Português TychoBrahe*.

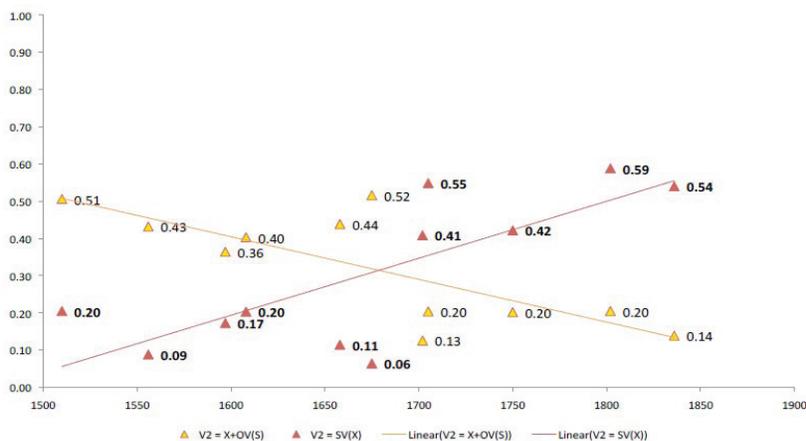


Fig 1: Frequência relativa de SV e XV em sentenças V2 (CAVALCANTE, GALVES E PAIXÃO DE SOUSA, 2010):

Vemos na figura 1 que, nos dados das autoras, casos de ordem V2 com elementos que não são sujeitos em posição anterior ao verbo ocorrem com mais frequência que os de ordem V2 em que o sujeito aparece em posição pré-verbal, até metade do século XVII. O declínio nas ocorrências de elementos não sujeito na posição pré-verbal coincide com a evolução do sujeito nessa posição. Tais frequências indicam a queda da ordem que é considerada um índice de V2: XVS.

Gibrail (2010), também partindo da evolução no uso de sujeito pré-verbal, ressalta que, ainda que as mudanças de estrutura da sentença não possam ser totalmente evidenciadas pela ocorrência da ordem SV, a emergência no uso de sujeitos em posição pré-verbal está relacionada à queda na frequência do uso de outros constituintes nessa posição a partir do século XVIII, e não à diminuição do uso do sujeito pós-verbal na mesma proporção. Assim, o aumento de SV a partir desse período não corresponde, portanto, ao aumento de sujeito frontado ao verbo na periferia esquerda, mas ao uso do sujeito ocupando sua posição canônica. Como o verbo não sobe mais para uma posição alta, permanecendo no domínio da flexão, a ordem SV é licenciada.

3. A DIACRONIA DAS ESTRUTURAS DE FOCALIZAÇÃO MARCADA

Com relação à diacronia das sentenças clivadas e pseudo-clivadas, Kato e Ribeiro (2006, 2009) e Kato (2009) apontam que os padrões invertidos apareceriam antes dos canônicos. De acordo com as autoras, no período V2, apenas tais estruturas, juntamente com as pseudo-clivadas canônicas, seriam licenciadas no português. Apenas no século XVIII é que as clivadas com cópula inicial – clivadas canônicas e pseudo-clivadas extrapostas – seriam atestadas. As autoras supõem que esse seria um padrão não licenciado antes de 1700, pois são sentenças que violam o sistema gramatical da época, que configurava uma gramática do tipo V2.

Para Kato e Ribeiro (2006), as clivadas com cópula inicial não são aceitas nesse período, visto que as tais sentenças são estruturas V1 e, segundo as autoras, o sistema V2 restringiria possibilidades de sentenças declarativas com o verbo em posição inicial. Esse argumento encontraria suporte na constatação de Sornicola (1988) e Lambrecht (2001) de que o alemão, que também é uma língua V2, não tem o tipo canônico de clivada.

As clivadas com cópula inicial, de acordo com Kato (2009), começam a ser licenciadas com a queda da gramática V2, pois o português passa a licenciar a projeção de foco no CP mais baixo, ou seja, na periferia esquerda da subordinada, cujo complementizador não teria traço de foco no período em que o português era um sistema V2, mas passaria a ser do tipo [+foco] a partir da queda dessa gramática:

- (4) a. [_{FP}[O ladrão]_i [é [CP que [t_i levou o meu laptop.]]]] (Período V2)
 b. [É [_{FP}[o ladrão]_i [que_{+F} [t_i levou o meu laptop]]]] (Período não V2)

Para a autora, “Se o complementizador *que* tiver o traço +F (de Foco), ele segura o Foco no FP mais baixo. Se o *que* não tiver esse traço, e for um mero complementizador, o foco sobe para o FP da periferia à esquerda da sentença matriz”. (KATO, 2009, p. 383)

Apesar de a argumentação apresentada por Kato e Ribeiro (2006, 2009) e Kato (2009) apontar para uma restrição para clivadas de cópula inicial no período V2, alguns fatores nos levam a questionar tal restrição, como veremos mais adiante neste estudo, feito com base nas ocorrências de estruturas clivadas encontradas no corpus *Tycho Brahe*.⁵

4. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com relação ao aparato teórico em torno da diacronia, este estudo está situado nas bases da mudança paramétrica, em especial nos postulados de Lightfoot (2006). Consideramos, portanto, que a mudança ocorre quando, na aquisição da linguagem, o indivíduo fixa um parâmetro de maneira diferente da geração anterior. Desse modo, a criança chegaria a uma nova gramática, diante de dados linguísticos aos quais ela está exposta, que fornecem pistas para uma nova fixação de parâmetros. Nesse sentido, a mudança está relacionada com a aquisição da linguagem (LIGHTFOOT 1991, 1997, 2003, 2006). Com base nisso, para nos ajudar a observar o panorama diacrônico das clivadas, utilizamos dados cujas referências temporais correspondem não ao ano de produção dos textos, mas ao ano de nascimento dos autores. Assim, faremos discussões em torno de hipóteses levantadas sobre a língua-I dos autores dos textos, com base em dados da língua-E, ou seja, dos textos propriamente ditos.

⁵ O acesso ao corpus da plataforma Tycho Brahe pode ser feito pelo seguinte endereço: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>

Para analisar as clivadas e pseudo-clivadas diacronicamente, foi feito, portanto, o levantamento de tais sentenças em 16 textos do corpus histórico eletrônico *TychoBrahe*. Os textos estão ordenados abaixo cronologicamente pelo ano de nascimento dos autores:

Tab. 1: Lista de textos anotados do corpus *Tycho Brahe* utilizados para a busca de clivadas.

AUTOR	TÍTULO
Século XVI	
(1502-1579) PERO MAGALHÃES DE GANDAVO	História da Província de Santa Cruz
(1510-1583) FERNAO MENDES PINTO	Perigração
(1542-1606) DIOGO DO COUTO	Décadas
(1556-1632) LUIS DE SOUSA	A vida de Frei Bartolameu dos Mártires
Século XVII	
(1597-1665) MANUEL DE GALHEGOS	Gazeta
(1608-1697) ANTONIO VIEIRA	Sermões
(1658-1753) MARIA DO CEU	Vida e Morte de Madre Helena da Cruz
(1675-1754) ANDRE DE BARROS	Vida do apostólico padre Antonio Vieira
Século XVIII	
(1702-1783) CAVALEIRO DE OLIVEIRA	Cartas, Cavaleiro de Oliveira
(1705-1763) MATIAS AIRES	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens
(1750-1839) MARQUESA D'ALORNA	Cartas, Marquesa de Alorna
(1757-1832) JOSE DANIEL RODRIGUES DA COSTA	Entremezes de Cordel
Século XIX	
(1799 - 1854) J.B. DA SILVA L. DE ALMEIDA GARRETT	Theatro: Falar verdade a mentir; As Prophecias do Bandarra e Camões do Rocio.
(1802-1881) MARQUES DE F. E ALORNA	Memórias do Marquês da Fronteira e Alorna
(1825-1890) CAMILO CASTELO BRANCO	Maria Moisés
(1836-1915) RAMALHO ORTIGAO	Cartas a Emília, Ramalho Ortigão

As sentenças dos textos utilizados neste estudo são anotadas sintaticamente. Para fazer a anotação sintática das clivadas, os anotadores seguem a definição do manual de anotação do *corpus* Tycho Brahe.⁶ Com base nessa anotação, buscamos por clivadas com o auxílio de uma ferramenta de busca sintática, a *Corpus Search*, que pode ser obtida gratuitamente na internet.⁷ Para pesquisar determinadas sentenças no *corpus*, é necessário reunir as características de natureza sintática e morfológica do tipo de sentença que se procura em um arquivo de texto, que será aplicado na ferramenta de busca, funcionando como a nossa ‘palavra-chave’.⁸ Ao fazer a busca utilizando o *Corpus Search*, obtemos arquivos com todas as ocorrências para a busca que fazemos.

Com a busca por clivadas nos textos, foi possível chegar ao panorama de ocorrências de clivadas abaixo. Os dados estão em ordem cronológica, classificados por texto e por tipo de sentença clivada e apresentados em números absolutos, acompanhados da porcentagem correspondente à frequência relativa ao número total de sentenças dos textos:

⁶ Manual de anotação sintática do corpus Tycho Brahe, incluindo a parte referente às clivadas (Cf. seção 10.17): <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/manual/syn-fm.html>

⁷ <http://corpusesearch.sourceforge.net/>

⁸ Ao todo, foram utilizadas duas estruturas de busca. Para as sentenças pseudo-clivadas canônicas, foi escrito o seguinte no editor:

node: \$ROOT
query: (SR* HasSister CP-CLF*)
AND (CP-CLF precedes SR*)

Isso significa, que buscamos por objetos sintáticos raiz, em que um verbo *ser* (SR) de qualquer natureza (*), tem como irmão um CP do tipo clivado (CP-CLF) de qualquer natureza (*), sendo que esse CP precede o verbo *ser*. Para os outros padrões de CL e PCL (CL canônica e invertida e PCL invertida e extraposta), foi utilizada a seguinte busca:

node: \$ROOT
query: (SR* HasSister CP-CLF*)
AND (SR* precedes CP-CLF*)

A busca para os outros padrões de clivada é bastante parecida com a da PCL canônica, a única diferença é que o verbo SR é que precede CP-CLF.

Tab. 2: ocorrências de clivadas e pseudo-clivadas encontradas nos textos anotados do corpus *fichoBralhe*.⁹

Autor do texto	CL	%	CI	%	PC	%	PCI	%	PCE	%	Total	%
(1502-1579) GANDAVO	1	0,11	0	0,00	0	0,00	1	0,11	0	0,00	2	0,22
(1510-1583) PINTO	0	0,00	0	0,00	1	0,09	1	0,09	0	0,00	2	0,19
(1542-1606) COUTO	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
(1556-1632) SOUSA	1	0,04	0	0,00	4	0,17	0	0,00	2	0,08	7	0,29
(1597-1665) GALHEGOS	1	0,06	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,06
(1608-1697) VIEIRA	0	0,00	3	0,14	4	0,18	5	0,23	2	0,09	14	0,65
(1658-1753) CEU	0	0,00	0	0,00	3	0,23	1	0,07	0	0,00	4	0,31
(1675-1754) BARROS	0	0,00	0	0,00	2	0,10	0	0,00	1	0,05	3	0,15
(1702-1783) OLIVEIRA	9	0,30	7	0,23	7	0,23	4	0,13	4	0,13	31	1,03
(1705-1763) AIRES	1	0,02	19	0,44	43	1,01	17	0,39	4	0,09	84	1,97
(1750-1839) ALORNA	5	0,37	10	0,74	0	0,00	2	0,14	1	0,07	18	1,33
(1757-1832) COSTA	1	0,04	7	0,29	3	0,12	6	0,25	0	0,00	17	0,70
(1799 - 1854) GARRETT	17	0,39	42	0,98	4	0,09	5	0,11	1	0,02	69	1,62
(1802-1881) ALORNA	36	1,39	11	0,42	2	0,07	6	0,23	3	0,11	58	2,25
(1825-1890) C. BRANCO	8	0,43	10	0,54	7	0,38	1	0,05	4	0,21	30	1,63
(1836-1915) ORTIGAO	18	0,79	12	0,53	19	0,83	1	0,04	6	0,26	56	2,47
Total	98		121		99		50		28		396	

⁹ A base de dados coletada não inclui sentenças interrogativas. Para um estudo diacrônico em torno desse tipo de estrutura, cf. Lopes-Rossi (1996).

O que, *a priori*, impulsiona este estudo para uma análise que nega a restrição às clivadas pela gramática V2 é que, mesmo os padrões invertidos, ou seja, aqueles que apresentam o foco em posição inicial na sentença, apresentados em (2b) e (2d) e que, segundo Kato e Ribeiro (2006), são compatíveis com V2, ainda são muito pouco recorrentes nesse período. Tal fato também é reconhecido em Kato e Ribeiro, que mencionam que os padrões inversos e a pseudo-clivada canônica passam a aparecer com mais frequência com a queda de V2.

Como o português já possuía outra estratégia de focalização favorecida pela gramática V2, como veremos adiante, mesmo havendo sentenças clivadas na língua, sugerimos que tais sentenças ficariam com o papel secundário de focalização. A seguir, portanto, veremos algumas evidências para a análise de que nenhum tipo de clivada seria incompatível com o sistema V2.

5. A GRAMÁTICA V2 NÃO RESTRINGE CLIVADAS COM CÓPULA INICIAL

Nesta seção, apresentamos alguns fatores que motivaram a análise de que não havia uma restrição para o uso de clivadas com o verbo em primeira posição, no momento em que o português possuía características de gramática V2, ou seja, no período anterior ao século XVIII.

5.1. A recorrência da ordem V1 no período V2

Como vimos anteriormente, Kato e Ribeiro (2006) argumentam a favor da restrição de clivadas com cópula inicial. Entretanto, no que diz respeito à posição do verbo, a ordem V1 foi bastante recorrente no português clássico. Além disso, o período em que a ordem V1 decai é justamente o mesmo em que as clivadas evoluem em todos os padrões, como podemos ver no gráfico abaixo, de Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010):

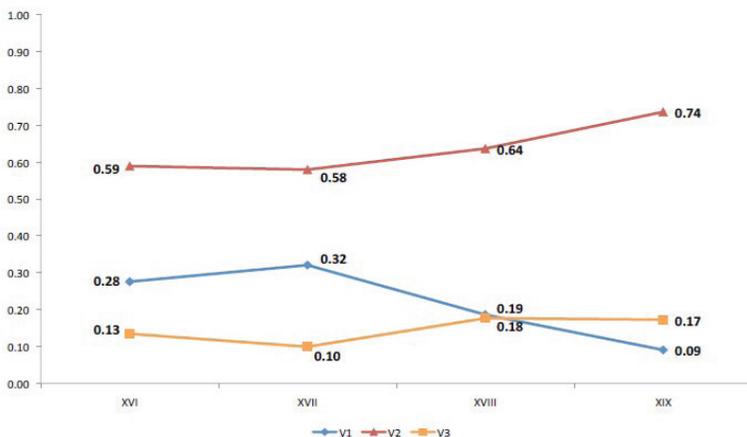


Fig. 2: A evolução das ordens V1, V2 e V3 ao longo dos séculos. (Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010)).

A hipótese das autoras também não se sustenta no caso do português antigo que, de acordo com Ribeiro (1995), já apresentava a ordem V1. A alta recorrência de sentenças com verbo em posição inicial já é reconhecida por Kato e Ribeiro (2006), que assumem que, dadas as possibilidades de ordem V1, a posição do verbo não seria uma hipótese suficiente para explicar a ausência de certos padrões de clivadas no português clássico. Os dados do gráfico acima são convergentes com o fato de português de fases passadas ter sido analisado como uma língua V2 simétrica, em que o efeito V2 é possível tanto na sentença matriz quanto na subordinada, sendo que tal tipo de língua aceita ordem V1 (PINTO, 2011).

Pinto (2011) aponta que, no espanhol antigo, também considerado uma língua V2, embora as ocorrências de V1 tenham sido recorrentes, as estruturas clivadas encontradas em seus dados não apresentam a cópula em primeira posição. O autor sugere que a restrição V2 opere sobre a cópula, visto que, no espanhol antigo, não havia orações em que este elemento aparecesse em primeira posição. Assim, o autor aponta para uma possível relação entre a restrição da cópula em primeira posição na presença de um constituinte oracional e a ausência de clivadas de cópula inicial.

Entretanto, no caso do português, encontramos em textos de autores nascidos antes de 1700 sentenças com a cópula ocupando a primeira posição da sentença:

- (5) a. E **foi** Deus servido que se achasse este padre em sua morte pera o revelar a D. Fr. Agostinho de Castro.

(SOUSA, 1984 [nasc. 1556])

- b. **Foi** nella o Illustrissimo Senhor Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo Metropolitano.

(GALHEGOS, 1597 [nasc. 1597])

- c. E **foi** esta circunstantia hũa das que mais qualificaraõ a sua virtude, de que ja estará gozando o premio na Bemaventurança

(CÉU, 1993 [nasc. 1658])

Portanto, a posição do verbo das clivadas canônicas e extrapostas ainda parece não configurar o motivo da baixa recorrência de clivadas canônicas no período V2 do português.

5.2. Clivadas com cópula inicial em textos de autores nascidos no período referente ao português médio

Como vimos nos dados deste estudo, são escassas as ocorrências de clivadas no período anterior a 1700. Entretanto, considerando a restrição V2 apontada por Kato e Ribeiro (2006, 2009) e Kato (2009), esperaríamos não encontrar ocorrências, mesmo que muito escassas, de clivadas canônicas e extrapostas. Porém, alguns exemplos de clivadas com cópula inicial reforçam nossa argumentação contra a restrição apontada pelas autoras:

- (6) E havendo já um mês, que iam naquela volta navegando com vento próspero, foram dar na costa desta província: ao longo da qual cortaram todo aquele dia, parecendo a todos que **era alguma grande ilha que ali estava**, sem haver Piloto, nem outra pessoa alguma que tivesse notícia dela, nem que presumisse que podia estar terra firme para aquela parte Ocidental. (GÂNDAVO, 1576 [nasc. 1502])

No exemplo de Gândavo, não é evidente se a sentença destacada é uma clivada ou uma relativa. Sem dúvida, se partirmos da crença em torno de uma restrição V2 para esse tipo de sentença, iremos concordar que não se trata de uma clivada. Entretanto, o exemplo abaixo, retirado de Luis de Sousa (n. 1556), nos faz olhar com outros olhos para exemplos ambíguos:

- (7) Mas **não eram as que o Arcebispo tinha assentado em seu ânimo que deviam ser as primeiras**, porque lhe parecia que, como o fim principal daquela sagrada e geral congregação era emendar o mundo e purificá-lo de vícios, convinha começar a obra pela parte mais grave dele, que era o eclesiástico.
(SOUSA, 1984 [nasc. 1556])

A sentença de Luis de Sousa não apresenta outra análise além da de clivada canônica com negação. Tal sentença apresenta o tipo de foco contrastivo (Cf. ZUBIZARRETA, 1998), sendo que o contexto nos veicula tal informação, já que o constituinte focalizado está corrigindo uma afirmação prévia e atribuindo um novo valor ao foco, ou seja, contrasta *as que o Arcebispo tinha assentado em seu ânimo* com *o eclesiástico*. Assim, podemos sugerir que Luís de Sousa teria recorrido a uma estrutura não tão comum no período, a fim de garantir a interpretação de foco contrastivo.

Não estamos levantando a hipótese de que as clivadas e pseudo-clivadas tenham sido utilizadas no período V2 para veicular exclusivamente o foco contrastivo, mas para garantir a interpretação semântico-pragmática do foco, bem como reforçar a ênfase no constituinte focalizado, esteja a sentença marcando contraste ou exaustividade. Claramente, o fato de o autor ter usado uma clivada para veicular um tipo de foco mais enfático, nos faz suspeitar que o uso de clivadas e pseudo-clivadas pode estar, de fato, relacionado a um tipo de foco mais enfático. Entretanto, para isso, seria ideal uma análise atenciosa ao contexto em que as sentenças de foco marcado foram empregadas.

As pseudo-clivadas extrapostas, que também apresentam o verbo em posição inicial também apareceram – em matrizes e subordinadas – nos dados do corpus em textos dos autores nascidos antes de 1700:

- (8) a. Foi ele quem nomeou o que na verdade veio a ser eleito.
(SOUSA, 1984 [nasc. 1556])
- b. Não é isto, Padres Reverendíssimos, o que eu aprendi nas escolas.
(SOUSA, 1984 [nasc. 1556])
- c. (...) querendo mostrar ao Mundo serem eles, quem como primeiros conquistadores, deram o nome de São Luiz à capital daquele Estado.
(BARROS, 1746 [nasc. 1675])

5.3. Clivadas em alemão

Outro ponto a favor da ausência de restrição para as clivadas de cópula inicial é que línguas V2 como o alemão não restringem necessariamente essas estruturas. Não queremos, nesta seção, argumentar que o português do período V2 se comporta da mesma maneira que o alemão, mas questionar mais um dos argumentos a favor de uma restrição V2, apontado em Kato e Ribeiro (2006) para o licenciamento de clivadas canônicas e extrapostas. Portanto, ao contrário do que Kato e Ribeiro (2006) afirmam seguindo Sornicola (1988) e Lambrecht (2001), o alemão, que configura uma gramática do tipo V2, aceita clivadas com cópula inicial, conforme aponta Reich (2008) e Gast e Levshina (2012):

- (9) a. Es waren die Kölner Romanisten, die nach Brasilien fuhren. (REICH, 2008)
exp. foram os coloneses Romanistas que para Brasil foram

Foram os romanistas coloneses que foram para o Brasil.

- b. Es ist zweifellos der Terrorismus, der verhindert, dass die Parteien an
exp. é sem dúvida o Terrorismo que impede que os partidos a (prep)
einen Verhandlungstisch kommen. (GAST e LEVSHINA, 2012)¹⁰
uma mesa de negociação venham

É, com certeza, o Terrorismo que impede que os partidos cheguem a uma mesa de negociação.

As clivadas no alemão, entretanto, não são a primeira estratégia de focalização de constituintes. Para veicular foco, mesmo que seja contrastivo, é preferível o foco prosódico, de acordo com Reich:

- (10) a. Drei Kölner Romanisten fuhren nach Brasilien.
Três coloneses Romanistas foram para Brasil
Três romanistas coloneses foram para o Brasil.
- b. DREI Kölner Romanisten fuhren nach Brasilien.
TRÊS coloneses Romanistas foram para Brasil
TRÊS romanistas coloneses foram para o Brasil. (E não quatro)
- c. Drei KÖLNER Romanisten fuhren nach Brasilien.
Três coloneses Romanistas foram para Brasil
Três romanistas COLONESES foram para o Brasil. (os de Frankfurt ficaram lá)
- d. Drei Kölner ROMANISTEN fuhren nach Brasilien.
Três coloneses Romanistas foram para Brasil
Três ROMANISTAS coloneses foram para o Brasil. (e não germanistas)

¹⁰ Os autores utilizaram dados referentes ao corpus *EUROPARTL English-German, version 6*.

- e. Drei Kölner Romanisten führen nach BRASILIEN.
Três coloneses Romanistas foram para Brasil
Três romanistas coloneses foram para o BRASIL. (e não para a Argentina)

Nos exemplos em (8), vemos que é possível focalizar qualquer elemento da sentença, mesmo veiculando foco contrastivo, através da ênfase pela prosódia do elemento focalizado *in situ*. Esse tipo de focalização é legítimo porque, de acordo com Reich, no alemão, é possível realizar acentos tonais em praticamente todas as palavras da sentença, com a única restrição de que este recaia sobre a sílaba onde se realiza o acento lexical. Tal acentuação ocorre conforme condições requeridas pelo discurso. O alemão, portanto, pode focalizar um constituinte na prosódia, sem que haja necessidade de um movimento sintático para que o constituinte obtenha saliência.

O autor também mostra que, no alemão, ocorre a desacentuação de alguns elementos, para dar saliência ao foco. Observe o exemplo abaixo:

- (11) Drei **KÖL**nerinnen fuhren nach Brasilien.
Três colonesas foram para Brasil
Três colonesas foram para o Brasil.

A última sílaba de *Kölnerinnen*, que é o foco da sentença, é elidida no alemão falado, e o verbo *führen* se limita a um monossílabo. Tal estratégia não está presente no português, que não reduz núcleos silábicos desacentuados, e a proeminência de *Kölnerinnen* fica mais evidente em alemão do que num enunciado correspondente em português:¹¹

- (12) ?? Três colo**NE**s foram para o Brasil.

Nesse caso, a percepção do foco em português não apresenta a mesma proeminência assegurada pela prosódia do alemão. Assim, segundo o autor, a estratégia encontrada na língua para salientar elementos é o movimento do foco para posições periféricas, que é o que ocorre nas sentenças clivadas.

Considerando as propriedades prosódicas do português e do alemão, Reich sugere que, em português brasileiro, a opção do falante será a de focalizar da forma mais saliente, ou seja, através das sentenças de foco marcado, visto que a acentuação não privilegia a interpretação de foco. Já para o alemão, o autor argumenta que o falante irá mover a estrutura básica somente se necessário. O ponto da análise de Reich em torno do português, entretanto, precisa ser melhor investigado, visto que o falante pode escolher diferentes estratégias de focalização, inclusive o foco prosódico, a depender de características do foco, como, por exemplo, o peso fonológico desse constituinte (Cf. FERNANDES, 2007).

¹¹ O autor trata especialmente do português brasileiro.

(13) **A:** Die Frankfurter Romanisten fuhren nach Brasilien.
Os frankfurtianos romanistas foram para Brasil
Os romanistas de Frankfurt foram para o Brasil.

B: Nein, die KÖLner Romanisten fuhren nach Brasilien.
Não os coloneses Romanistas foram para Brasil
Não, os romanistas COLONESES foram para o Brasil.

A: Ach so, aus Bonn waren die.
Ah! de Bonn eram eles
Ah! Eles eram de Bonn

B: Himmel, es waren die KÖLner Romanisten, die nach Brasilien fuhren.
Céu exp. Foram os coloneses romanistas que para Brasil foram
Céus! Foram os romanistas COLONESES que foram para o Brasil.

Nos exemplos do autor, há o emprego primário da focalização prosódica. O recurso, porém, não garantiu a interpretação semântico-pragmática na veiculação do foco contrastivo, na primeira sentença de B. Como recurso final para a interpretação, uma sentença clivada foi empregada.

Portanto, o argumento de que a hipótese da restrição da gramática V2, com relação a clivadas canônicas e extrapostas, encontra suporte em línguas como o alemão não seria válido, visto que tal língua não restringe clivadas que no português apresentam a cópula em primeira posição. Entretanto, em alemão, o verbo aparece em segunda posição sendo que um expletivo, nesse caso, ocuparia a primeira posição.

6. A FOCALIZAÇÃO NO PERÍODO V2

Argumentamos, até então, que a ausência de clivadas, de cópula inicial ou não, no período V2 do português, ocorre por opção do falante, já que o sistema disponibilizava de outro tipo de focalização, dispensando o uso das clivadas, exceto nos casos em que a estratégia de focalização primária não era suficiente para a interpretação da sentença, ou quando há a intenção de veicular maior ênfase ao foco. A estratégia de focalização primária em questão seria o fronteamento e é favorecida pelo sistema V2.

Como vimos na seção 2, Galves e Paixão de Sousa (2017, no prelo) apontam que, no português clássico, a posição pré-verbal era reservada para elementos discursivamente proeminentes. Esses elementos poderiam ser tópicos ou focos. Nos casos de ordem SV, portanto, o sujeito ocupa a mesma posição de qualquer outro elemento focalizado ou topicalizado e fronteado. Assim, para as autoras, a oscilação entre SV e VS ocorre de acordo com o requerimento discursivo do texto.

Era legítimo, portanto, focalizar ou topicalizar elementos na posição pré-verbal, visto que há projeções disponíveis para tópico e foco anteriores ao verbo,¹² como mostra o exemplo abaixo, apresentado em Gibrail (2010):¹³

(14) [_F NA CORTE] andou este rei dois anos.

(COUTO, 1947 [nasc. 1542])

Os elementos pré-verbais ocupariam suas respectivas projeções seguindo requerimentos discursivos, independente de tratar-se de sujeito ou não

Nos dados de Gibrail, os casos de focalização ou topicalização de objetos projetam predominantemente a ordem V2 (em 83,5% das 1426 ocorrências de tópico e foco, em sentenças matrizes e/ou subordinadas), como em (11). A focalização V2, portanto, que configura a ordem Foco-V-X,¹⁴ seria uma opção disponível para os autores nascidos nos séculos XVI e XVII. Com tal flexibilidade de movimento de constituintes para a posição inicial, a autora afirma que o português clássico se comporta de forma semelhante a gramáticas V2 contemporâneas.

A presença da estratégia de focalização do fronteamto faz da clivagem um recurso menos requisitado no português médio. Através de tal estratégia, é possível focalizar diversos constituintes, assim como na clivagem, porém, de forma mais econômica, pois envolve menos operações e dispensa elementos unicamente focalizadores na sentença, como a cópula e o complementizador.

Devemos assumir a concordância com Kato e Ribeiro (2006, 2007) e Kato (2009) ao defender que a queda de V2 contribuiu para a emergência de clivadas de cópula inicial. O que diferencia este estudo do que postulam as autoras é que buscamos apontar que essa influência não opera apenas sobre os modelos canônico e extraposto, mas sobre todas as estruturas de clivagem. Além disso, a nova gramática não estaria admitindo, mas favorecendo tais estruturas.

O que estamos defendendo é que, no período V2, tanto as estruturas de focalização mono-oracionais de fronteamto, quanto as bi-oracionais (de clivagem, inclusive as de cópula inicial) eram licenciadas no período V2, sendo que ambas poderiam ser produzidas pela mesma gramática, havendo entre as duas estratégias uma relação de opcionalidade, sem consequências semânticas (Cf. Roberts, 2007). Entretanto, haveria uma preferência do falante por focalizar primordialmente não através das clivadas, mas de uma contraparte mais econômica, a do fronteamto de constituintes, uma sentença de ordem V2 que dispensa elementos exclusivamente focalizadores, como a cópula e o *que/wh*.

¹² Kato e Ribeiro (2006) também fazem referência a essa estratégia do português clássico para focalizar qualquer tipo de constituinte.

¹³ Os dados do trabalho da autora são referentes ao Corpus Histórico do Português Anotado *Tycho Brahe*.

¹⁴ Para dar maior respaldo e continuidade aos estudos em torno das estratégias de focalização está sendo realizada em estudo corrente a investigação em torno do tipo de foco veiculado pelas estruturas como a de (11), bem como pelas próprias estruturas clivadas encontradas no corpus.

A evolução das clivadas a partir do século XVIII reside no fato de que, com a queda de V2, há um efeito de superfície que compromete as estruturas de fronteamento. Isso é melhor explicitado em Gibrail (2010), onde a autora fornece evidências que indicam uma mudança de comportamento das estruturas de foco. Um fato empírico estaria relacionado a essa mudança: a baixa frequência de elementos diferentes de sujeito na posição pré-verbal, como já mencionado, seguindo Galves e Paixão de Sousa (2017, no prelo) e explicitado no gráfico 1 de Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010). A tabela abaixo, de Gibrail (2010), expressa a natureza dos constituintes com diminuição da taxa frequência na posição pré-verbal:

Tabela 3: Taxa média de frequência de uso dos constituintes em posição pré-verbal no padrão de ordem V2 nos textos dos autores nascidos nos séculos XVI - XIX. (Gibrail, 2010).

Taxa média	Séc. XVI-XVII	Séc. XVIII-XIX	Aumento	Diminuição
Suj	41,3%	67,9%	26,6%	
Objeto	11,7%	4,4%		7,3%
PP	19,8%	6,6%		13,2%
ADV	21,3%	18,5%		2,8%
Pred	1,9%	1,0%		0,9%
SujSubord	0,8%	0,7%		0,1%
ADVQ	1,7%	0,7%		1,0%
ArgH	0,6%	0,1%		0,5%
Or. de partic	0,8%	0,0%		0,8%

A baixa recorrência de outros elementos além de sujeito na posição anterior ao verbo não estaria ligada à escolha arbitrária do falante por frontear sujeito em detrimento de outros elementos, mas indicaria que não está ocorrendo o fronteamento de constituintes. De acordo com Gibrail, a alta recorrência de sujeitos em posição inicial ocorre pela atuação de um novo sistema gramatical que emerge a partir do século XVIII e que não apresenta mais propriedades de gramática V2. Nesse novo sistema, não é mais licenciado o movimento do verbo para a periferia esquerda da sentença. Visto que a posição canônica do verbo no novo sistema é mais baixa que a do sujeito, este aparece em posição inicial.

Considerando o fronteamento como estratégia legítima de focalização na sintaxe no português clássico, e o comprometimento dessa operação com o declínio da gramática V2, esperamos o aumento no uso de outro tipo de focalização. Justamente nesse período, como vemos na tabela 2, todos os padrões de clivadas passam a ser mais recorrentes. Assim, sugerimos que este seria um contexto favorável para o uso mais elevado de clivadas. A clivagem, portanto, seria uma estratégia de focalização não utilizada como recurso primeiro no português V2, mas licenciada nesse sistema gramatical, embora de maneira menos recorrente, garantindo maior marcação ao foco, sendo que, com a queda de V2, as estruturas clivadas passam a ser utilizadas com mais frequência.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foram apresentados os seguintes argumentos a favor da possibilidade de licenciar qualquer tipo de clivada no período V2 do português: o fato de a cópula inicial não ser mais vista como uma restrição, já que o sistema aceitava diversas outras sentenças de ordem V1; a presença de algumas clivadas de cópula inicial no corpus *Tycho Brahe*, mesmo que poucas, nesse mesmo período e a existência de clivadas no alemão, que é uma língua V2.

Defendemos que as clivadas eram menos requisitadas no período V2 pela presença de outra estratégia de focalização envolvendo o movimento do elemento focalizado, o fronteamento. Isso ocorre pela propriedade do português clássico de frontear diversos constituintes para uma posição reservada para elementos discursivamente proeminentes. Tal propriedade fica comprometida com a queda de V2, período em que clivadas passam a ser mais requisitadas. Nesse caso, a questão não está no fato de a língua simplesmente ser ou não V2: no espanhol, por exemplo, que não é uma língua V2, a clivagem não é um recurso produtivo (Cf. PINTO, 2008), entretanto, a língua dispõe de outros recursos de focalização. A questão está, portanto, relacionada a outras estratégias de focalização disponíveis na língua, além das clivadas, e que podem ser favorecidas pela gramática V2, como no caso do português de fases passadas.

Entretanto, o presente estudo ainda tem desafios a enfrentar no que diz respeito à pouca ocorrência de clivadas no período V2. Se levantamos a hipótese de que o português passa a licenciar clivadas a partir do momento em que uma das estratégias de focalização fica comprometida pela queda de V2, ainda temos que explicar a seguinte questão: embora o português brasileiro não possua outras estratégias de focalização via sintaxe, como por exemplo a ordem VS e o próprio fronteamento de objetos, o que faz da clivagem um recurso mais requisitado, o português europeu ainda dispõe de tais recursos. Mesmo assim, o uso de clivagem é produtivo nessa gramática (Cf. FERNANDES, 2007). Nesse caso, é necessário investigar: a possibilidade de haver mais questões que favoreceram o uso de clivadas no período em que a gramática V2 começa a entrar em declínio; a instância em que o fronteamento é produzido no português europeu atual e a relação entre a produtividade da clivagem e as demais estratégias de focalização nessa língua. Em todo caso, mantemos a hipótese principal deste estudo, de que estamos tratando de uma questão de preferência do falante entre as estruturas, e não da restrição do licenciamento de estratégias de focalização nos períodos estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, M. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna* (seleção, prefácio e notas por Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980.

ALORNA M. da F. e d'. *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna* (revisadas e coordenadas por Ernesto de Campos de Andrada). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1926.

- ALORNA, M. de. *Inéditos - Cartas e Outros Escritos*. (selecção, prefácio e notas do prof. Hernani Cidade). Lisboa: Livraria Sá da Costa - Editora, 1941.
- ANTONELLI, A. L. *Sintaxe da Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- BARROS, A. de. *Vida do Apostolico Padre António Vieira*. Lisboa: Officina Sylviana, 1746.
- BRANCO, C. C. *Maria Moisés* (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa: Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional, 1998.
- CAVALCANTE, S. R. de O.; GALVES, C. M. C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Topics, subjects and grammatical change: from Classical to Modern European Portuguese. In: *Subjects in diachrony: grammatical change and the expression of subjects*, Regensburg, 2010.
- CÉU, M. do. *Relação da Vida e Morte da Serva de Deos a enerável Madre Elenna da Crus* (transcrição do Códice 87 da Biblioteca Nacional precedida de um estudo histórico, por Filomena Belo). Lisboa: Quimera, 1993.
- COSTA, J. D. R. da. *6 Entremezes de Cordel* (Recolha e fixação do texto de Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo). Serra Nova: Editorial Estampa, 1973.
- COUTO, D. do. *Décadas* (selecção, prefácio e notas de António Baião) Vol 1. Lisboa: Livraria Sá da Costa - Editora, 1947.
- FERNANDES, F. R. *Ordem, Focalização e Preenchimento em Português: Sintaxe e Prosódia*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GALHEGOS, M. de. *Gazeta*. Lisboa: Officina de Lourenço de Anueres, 1641.
- GALVES, Charlotte Marie Chambelland. Do português clássico ao português europeu moderno, uma análise minimalista. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v. 19, 1997, 105-128.
- GALVES, C. M. C.; BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*. Lisboa, v. 4, n.1, 2005, pp. 39-67.
- GALVES, C. M. C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Novas Perspectivas para Antigas Questões: Revisitando a Periodização da Língua Portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; Schäfer-Prieß B. (Orgs.). *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*. Tübingen: CalepinusVerlag, 2006, pp. 45–75.
- GALVES, C. M. C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in the position of the verb in the history of Portuguese: Subject realization, clitic placement and prosody. *Language*, 2017.
- GANDAVO, P. M. de. *História da prouincia Sãcta Cruz* Lisboa: Officina de António Gonsaluez: vendense em casa de João Lopez, 1576.
- GARRETT, A. *Theatro: Falar verdade a mentir. As Prophecias do Bandarra e Camões do Rocio*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal - Sociedade Editora, 1904.
- GAST, V.; LEVSHINA, N. Motivating w(h)-clefts in English and German: A hypothesis driven parallel corpus study. In: CESARE, A. M. (Org.) *Frequency, Forms and Functions of Cleft Constructions in Romance and Germanic*. Contrastive, Corpus-Based Studies. Berlin: Gruyter Mouton, 2012, pp. 377-414.

GIBRAIL, A. V. B. *Contextos de Formação de Estruturas de Tópico e Foco no Português Clássico*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

KATO, M. A. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no português brasileiro. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, jan – abr, 2009, pp. 375-385.

KATO, M. A.; RIBEIRO, I. A evolução das estruturas clivadas no português: período V2. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, . (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006, pp. 165-182.

KATO, M.; RIBEIRO, I. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: DUFTER, A.; JACOB, D. (orgs.) *Focus and Background in Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2009, pp. 123-154.

LAMBRECHT, K. A frame for the analysis of cleft constructions. *Linguistics* 39, 3., 2001, 463-516.

LIGHTFOOT, D. *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1991.

LIGHTFOOT, D. Catastrophic change and learning theory. *Lingua*. v. 100, 1997, pp.171-192. Disponível em <<http://www.sciencedirect.com/science/journal/00243841/100>>. Acesso em: 06 Jun. 2017.

LIGHTFOOT, D. Grammatical Approaches to Syntactic Change. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Orgs.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2003, pp. 495–508.

LIGHTFOOT, D. *How New Languages Emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LONGHIN, S.R. *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LOPES-ROSSI, M.A.G. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 1996.

MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. Ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 2003.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E.V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A.T. et al. (orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes/Fapesp, 2007, pp. 159-184.

MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

OLIVEIRA, C. (Francisco Xavier de Oliveira). *Cartas* (selecção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1993.

ORTIGÃO, R. *Cartas a Emília* (Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini). Lisboa: Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional, 1993.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PINTO, F. M. *Perigração* (transcrição de Adolfo Casais Monteiro). Vila da Maia: Imprensa Nacional - Casa da Moeda - Gráfica Maiadouro, 1984.

- PINTO, C. F. Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008.
- PINTO, C. F. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- REICH, Uli. Cê que fez! Construções de foco em Português Brasileiro, *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 4, n .1, jun., 2008.
- RIBEIRO, I. *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: o Efeito V2*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- ROBERTS, I. *Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SORNICOLA, R. It-clefts and wh-clefts: two awkward sentence types. *Journal of Linguistic*, 24; 1988, pp. 348-79.
- SOUSA, L. de. *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires* (introdução de Aníbal Pinto de Castro; fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.
- TORRES MORAES, M. A. *Do Português Clássico ao Português Moderno: Um Estudo da Cliticização e do Movimento do Verbo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- VIEIRA, A. *Sermões* (prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves). Porto: Livraria Chardron - Lello & Irmão Editores, 1907.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge: MIT Press, 1998.